

A FORMAÇÃO DA NAÇÃO ANGOLANA ATRAVÉS DA LUTA DE LIBERTAÇÃO

Emanuel Kunzika

Índice

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO.....	15
 CAPÍTULO I – O CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO	 19
1. Situação geográfica e populacional de Angola	19
2. O encontro com o Ocidente	20
3. Linhas de rumo do colonialismo português	23
3.1. O período colonial: a ocupação portuguesa de Angola.....	23
3.2. A Conferência de Berlim e as reivindicações portuguesas	26
3.3. A política colonial portuguesa.....	28
a) A vocação civilizadora de Portugal	29
b) A vocação evangelizadora de Portugal	34
c) A política de integração	37
d) A política multirracial	39
e) A política de assimilação	40
 CAPÍTULO II – A LUTA DE LIBERTAÇÃO E A FORMAÇÃO	
 DA NAÇÃO ANGOLANA	47
1. A luta de libertação	47
2. Prelúdio, Simão Toco e o Tocoísmo	47
3. O início da luta armada	53
4. Os movimentos nacionalistas angolanos	56
4.1. Os partidos nacionalistas	58
4.2. Os partidos colaboracionistas e autonomistas	59
4.3. Os partidos separatistas	60
5. A procura da unidade no combate	61
5.1. A Frente Comum dos Partidos Políticos de Angola	61
5.2. A FNLA e o GRAE	61
5.3. A Frente Democrática de Libertação de Angola	64
5.4. O MPLA dirigido por Viriato da Cruz junta-se à FNLA	64
5.5. O Conselho do Povo Angolano e a sua Comissão Nacional Executiva	67
5.6. O Conselho Supremo da Libertação de Angola (CSLA)	67
6. O 25 de Abril e o triunfo da Revolução Angolana	69

CAPÍTULO III – A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO ANGOLANA	71
1. A existência de uma consciência nacional angolana	72
1.1. As incidências negativas das fronteiras coloniais	73
1.2. As incidências positivas das fronteiras coloniais	74
2. As ameaças da balcanização de Angola	74
3. As entidades da balcanização de Angola e os seus objectivos	75
3.1. NGWIKAKO (Ngwizani a Kongo)	75
3.2. ATCAR e o Império Lunda ou o Estado Tchokwe	78
3.3. Os partidos da independência do enclave de Cabinda	80
a) Argumentos históricos e jurídicos	81
b) Argumento sociológico	84
c) Argumento geográfico	85
d) Argumento político ou o princípio de autodeterminação	90
4. Angola, uma Nação em gestação	92
5. A independência e depois?	97
5.1. A independência total, a única saída	97
5.2. A independência rumo a que destino	99
5.3. Perspectiva duma revolução permanente	102
 CONCLUSÃO	 107
 ANEXOS	 109
 Anexo A – Manifestos	
1. Frente Comum dos Partidos Políticos de Angola	110
2. Frente Nacional de Libertação de Angola, «FNLA»	113
3. Frente Democrática de Libertação de Angola, «FDLA»	116
4. União Nacional para a Independência Total de Angola, «UNITA»	122
5. Conselho Supremo de Libertação de Angola, «CSLA»	124
 Anexo B	
1. Petição por Angola apresentada à 16. ^a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, por Sr. Emanuel Kunzika, em 24 de Novembro de 1961	128
2. Texto da resolução sobre Angola apoiada pela Assembleia Geral das Nações Unidas no dia 9 de Julho de 1961	140

Anexo C

Pela independência de Angola. Relatório de um seminário organizado em Léopoldville, em Abril de 1963 na Assembleia Mundial da Juventude	142
INTRODUÇÃO	143
O SIGNIFICADO DA REVOLUÇÃO, por Holden Roberto, Presidente da UPA.....	145
O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO, por Agostinho Neto, Presidente do MPLA	147
A UNIDADE ANGOLANA, por Emmanuel Kounzika, Vice-Presidente do PDA.....	153
A JUVENTUDE E A REVOLUÇÃO, por Abdelhak Merabet, da Juventude FLN	159
A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E A LUTA PELA LIBERDADE EM ÁFRICA, por Alphonse NguvuLu, Ministro do Trabalho, Congo	164
RESOLUÇÕES E RELATÓRIOS	169

Anexo D

Memória fotográfica.....	185
--------------------------	-----

Biografia do autor	199
---------------------------------	-----

CAPÍTULO I

O CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

1. Situação geográfica e populacional de Angola

Angola tem uma superfície de 1 246 700 km², sendo 14,5 vezes a de Portugal, o país colonizador, um pouco mais de metade da superfície da República Democrática do Congo, o seu maior vizinho.

Ao Norte, Angola faz fronteira com a República do Congo numa extensão de 188 km; ao Norte e Norte-Leste, com a República Democrática do Congo numa extensão de 2395 km; ao Leste, com a República de Zâmbia em cerca de 1000 km; e ao Sul, com a Namíbia por 1260 km de comprimento. Ao Oeste, Angola tem por limite o Oceano Atlântico com uma costa que se estende sobre 1850 km, aos quais deverão acrescentar-se os 100 km da margem de Cabinda¹.

Cabinda, que tem uma superfície de 7680 km², é parte integrante de Angola, da qual é separada pelo Rio Congo e por uma banda de território da RDC. Cabinda é limitado a Norte pela República do Congo, a Leste e a Sul pela República Democrática do Congo, e a Oeste pelo Oceano Atlântico.

Em 1960, a população de Angola era estimada em 4 830 449 habitantes, dos quais 95,3% eram negros, 3,6% brancos e 1,1% mestiços. A densidade era de 3,87 habitantes/km². Angola classificava-se entre os países menos povoados da África Central.

No entanto, de acordo com as estimativas baseadas no censo de 1960, a taxa de imigração e a de crescimento entre 1950 e 1960, fazem caso, para 1966, de uma população de cerca de 5 300 000 habitantes, tendo em conta a cifra de 250 000 refugiados referida em 1966 pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

Angola é maioritariamente habitada por uma população pertencente ao grupo bantu, havendo uma fraca representação do grupo bochimán. Os principais grupos étnicos linguísticos componentes são: Kikongo, kimbundu, Umbundu, Kioko, Ganguela, Lunhaneca, Luncumbi, Xicuanhama, Xindonga e Xiherero. Cada grupo étnico é composto de um certo número de tribos, com afinidades etnolinguísticas.

¹ Mugur Valahu, *Angola, Clé de l'Afrique*, Paris, Nouvelles Éditions Latines, 1966, p. 28.

CAPÍTULO II

A LUTA DE LIBERTAÇÃO E A FORMAÇÃO DA NAÇÃO ANGOLANA

1. A luta de libertação

Da análise que acabamos de apresentar na primeira parte deste livro, depreende-se que os cinco séculos da presença portuguesa em Angola foram marcados por movimentos de resistência popular, pelo que a obra da colonização portuguesa – longe de ser o que os teóricos portugueses queriam que ela fosse – foi o que realmente foi, pois, segundo Aimé Césaire: *«Não é nem evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de fazer recuar as fronteiras da ignorância, da doença da tirania, nem alargamento de Deus, nem extensão do direito, admitindo uma vez para sempre, sem hesitar perante as consequências, que o gesto decisivo é aqui do aventureiro e do pirata, do merceeiro e do armador, do mercador e do pesquisador de ouro, do apetite e da força, tendo por detrás a sombra maléfica disfarçada sob a forma, de civilização que, a um momento da história, se sente obrigada, de maneira interna, a estender, à escala mundial, a concorrência das suas economias antagonistas»*¹.

Esta resistência popular foi canalizada por inúmeros heróis, aureolados ou apagados da história angolana. O seu itinerário foi movimentado enquanto a própria luta revestia as mais variadas formas no tempo e no espaço. No exterior do império português, o movimento de resistência conheceu o seu prelúdio ainda nos anos 40 antes de se manifestar de forma mais evidente durante a década de 60, na sua fase decisiva, a fase revolucionária.

2. Prelúdio, Simão Toco e o Tocoísmo

Não se pode falar objectivamente da Revolução Angolana sem colocar no seu devido lugar a personagem enigmática que foi o Venerável Simão Gonçalves Toco e o movimento que suscitou: o Tocoísmo.

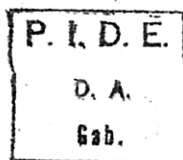
¹ Aimé Césaire, «Discours sur le Colonialisme», Paris, *Présence Africaine*, 1955.

Anexo B

1. Petição por Angola

PETIÇÃO

POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO
DELEGACÃO EM ANGOLA



S.R.
Arquivar proc.
Aliazo
18/8/62

PETITION POUR L'ANGOLA

PRESENTEE A LA
16^e ASSEMBLEE GENERALE
DES NATIONS-UNIES
A NEW YORK

par

M. Emmanuel KUNZIKA

Vice-Président

de l'ALLIANCE ANGOLAISE

DES RESSORTISSANTS DE ZOMBO « ALIAZO »

ET

TEXTE DE LA RESOLUTION
SUR L'ANGOLA

adoptée par
L'ASSEMBLEE GENERALE
DES NATIONS-UNIES

Anexo D

Memória fotográfica



Alunos da escola primária e secundária em Kinshasa, fundada por Emanuel Kunzika para os filhos de refugiados e emigrantes angolanos em Kinshasa.